



Ekobé
vida que vem da terra



Coproduzir no ambiente das TVs universitárias – a experiência da série Ekobé

Por Ana Paula Silva Ladeira Costa, Marcelo Henrique da Costa e Max Eluard

A série Ekobé reúne TVs universitárias em coprodução documental que valoriza a diversidade regional, forma redes colaborativas e fortalece o papel das instituições públicas na produção audiovisual independente.

No último mês de junho, no âmbito do 26o FICA, foi lançada a segunda temporada da série documental Ekobé. Resultado de uma ação colaborativa entre sete TVs universitárias de diferentes regiões do Brasil, o esforço de produção da série revela que coproduzir envolve uma série de vantagens: a troca de experiências, o fortalecimento das instituições envolvidas, e a combinação de recursos criativos, que resultam numa pluralidade de técnicas e formatos nos episódios da série. Este artigo tem como objetivo destacar alguns desses aspectos, trazendo-os à luz da realização em contexto de TVs Universitárias.

Quando se fala em coprodução, é comum associar tal conceito à produção de obras audiovisuais realizadas entre agentes de diferentes países. Os principais mecanismos de financiamento e estímulo à coprodução reforçam essa crença, pois prevêm o apoio a produtoras localizadas em diferentes territórios. Embora necessárias, não são percebidas modalidades de financiamento para a coprodução de conteúdo televisivo independente nacional e, em especial, entre as TVs universitárias.

Porém, sabemos que há uma diversidade de arranjos institucionais, entre emissoras televisivas e produtoras cinematográficas; entre produtoras nacionais e internacionais, bem como entre produtoras que buscam a realização de conteúdos para outras janelas, para além do cinema. De acordo com Lia Bahia,

A estratégia de coprodução internacional (entre cinematografias de diferentes países) e de coprodução nacional (entre diferentes meios audiovisuais) têm se tornado um discurso e uma prática cada vez utilizados para o desenvolvimento do audiovisual no mundo globalizado de economia capitalista. A coprodução como recurso é uma tendência mundial contemporânea e se apresenta no cenário cultural como fundamental para ampliação da produção, circulação e consumo de obras audiovisuais. Os produtos feitos em coprodução seriam resultados de trocas econômicas e simbólicas, e teriam como benefício a ampliação do espectro de exploração comercial das obras. Ainda como elemento positivo, as coproduções abririam espaços para promoção, exibição e difusão da cultura nacional fora do país de origem e alargariam o público consumidor dos produtos audiovisuais. (BAHIA, 2011, p.01)

Rodrigo Kopke Salinas (2023) define a coprodução como um termo “empregado não somente para designar arranjos de coprodução oficiais, por meio de acordos bilaterais ou tratados multilaterais, mas quaisquer arranjos contratuais de cofinanciamento ou mesmo de compartilhamento da produção de uma obra audiovisual”. O autor identifica, na estruturação jurídica da produção

audiovisual, dois níveis distintos de coligação contratual: um mais intenso, cujos contratos são voltados para o financiamento; e outro menos intenso, caracterizado pelos contratos que visam a realização da obra propriamente dita.

O autor também distingue aquilo que se considera uma coprodução oficial daquela não oficial: as coproduções oficiais são aquelas amparadas por acordos bilaterais ou multilaterais; suas regras e regulamentos variam de país para país, mas geralmente envolvem acordos legais que estabelecem o percentual de investimento, o número de membros da equipe e as responsabilidades de cada agente. As coproduções não oficiais, por sua vez, são realizadas sem a aplicação desses acordos oficiais e podem ser operações locais ou internacionais, mas sem a múltipla nacionalidade, mas também sem acesso a recursos públicos destinados às coproduções oficiais.

Dentro desses parâmetros expostos por Salinas, a série Ekobé caracteriza-se como uma coprodução não oficial e de estruturação jurídica menos intensa. Sua realização está fortemente marcada pelo contexto de produção televisiva em TV universitária.

Emerson dos Santos Dias (2018) chama a atenção para o aumento do número de TVs universitárias a partir

da Lei 8977/1995 (Lei da TV a cabo), que passou a exigir das concessionárias locais um canal voltado para a programação universitária. De acordo com o Mapeamento 4.0 das TVs Universitárias, realizado por Ricardo Oliveira em 2022, em parceria com a Associação das TVs Universitárias (ABTU) e a Universidade de Brasília, há 190 canais de televisão universitárias brasileiras. Essas TVs possuem diferentes estruturas, o que lhes permite operar sob diferentes fontes de financiamento e com formas distintas de estruturação de equipes e modelos de produção.

Diante da profusão dessas TVs, Emerson Dias faz o seguinte questionamento: “Com tantas televisões universitárias-educativas disponíveis, uma questão que se põe à mesa é: por que ainda não há um pool, uma efetiva rede não de transmissão mas de troca de ideias, experiências e, claro, produções?” (Dias, 2018, p.10)

De acordo com o Mapa 4.0, 54% das TVs fazem parte de alguma rede de intercâmbio de conteúdos – As principais redes de intercâmbio nacional são o Canal Futura, a rede RITU/ABTU, a rede Prosa e o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Audiovisual Brasileiro (PRODAV): “Das emissoras respondentes, 40 (54%) exibem programas fora da própria TV, principalmente em outras TVUs, em redes estaduais, na TV Brasil e no Canal Futura”.

O nascimento de uma série

No 2º Encontro das Escolas de Cinema e Audiovisual do Brasil Central, realizado em junho de 2023, foi realizado um painel que reuniu participantes de 10 (dez) TVs universitárias de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Ceará. Esse evento hoje se encontra em sua quarta edição e faz parte da programação do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), tradicional evento realizado na cidade de Goiás, desde 1999. Naquele momento, discutiam-se as diferentes realidades percebidas em cada TV, que possuem estruturas, formas de financiamento, hierarquia e funções muito distintas em suas respectivas instituições de ensino. O debate permitiu uma reflexão conjunta sobre a necessidade de realização de coproduções entre essas TVs, a partir da percepção de experiências de coproduções realizadas pela Red Tal, bem como pela TV UESB que, junto a outras instituições de ensino superior do nordeste, coordena a produção do programa Univerciência, hoje em sua terceira temporada. Nesse encontro foi lançado o desafio para que as TVs ali presentes empreendessem esforços para a coprodução de uma série documental, onde cada TV produziria um episódio, mas todas exibiriam todos os episódios como série.

Em julho desse mesmo ano, foi realizada a primeira reunião virtual entre as TVs que estiveram no Encontro,

momento no qual foi ratificada firmada a parceria para a realização de uma série documental.

Na pré-produção da primeira temporada da série, Nessa primeira reunião definiu-se que o tema abordado pela série Ekobé deveria estar relacionado à temática geral do FICA, ou seja, o Meio Ambiente. Havia, naquele momento, a expectativa de realizar um novo encontro das TVs Universitárias e exibição das produções dentro da programação do Festival no ano seguinte. Como o tema geral é muito amplo e o desejo era que essa fosse a primeira de muitas temporadas, em consenso na reunião virtual Em reunião coletiva, optou-se pelo tema “impactos da ocupação humana no meio ambiente” e também definiu-se que cada episódio teria a duração de 15 minutos emissora produziria um episódio documental de 15 minutos de duração. As TVs participantes também pactuaram sobre a realização de ações formativas direcionadas às equipes (alunos estagiários e técnicos contratados pelas TVs), essas ações obedeceriam ao cronograma de produção definido pelas emissoras. Participaram da primeira temporada, as seguintes TVs: PUC TV Goiás, UEG TV, TV UFG, TV UFMS, UnB TV, TV UFMG e TV Unifor.

A partir daí estabelecemos uma agenda de encontros virtuais entre as TVs participantes, nessas reuniões e de forma coletiva, definimos: o cronograma de produção; o

nome da série e o recorte do tema que cada TV adotaria, a partir de sua realidade local; a realização de ações formativas; também definimos que a série teria uma identidade visual única, adotada por todas as TVs e que traria unidade gráfica a um série que prometia ser diversa em formatos; e por fim, decidimos coletivamente que cada TV teria a liberdade de adotar o estilo de documentário e estratégias de abordagens que melhor lhe conviesse e considerando sua vocação de produção.

Por meio de encontros virtuais também foi definido, coletivamente o nome da série. Decidiu-se, então pela sugestão apresentada pela UEG TV: Ekobé. O nome, trazido do antigo tupi, significa “vida que nasce da terra” e

representa o objetivo de discutir os impactos do homem na natureza e a urgência de preservação e cuidado com o meio ambiente.



Representantes das TVs Universitárias se reúnem na exibição da segunda temporada da série Ekobé /Fonte: UEG TV/ Esther Alves

Ações Formativas

Desde o início desse trabalho colaborativo, entendeu-se que o processo de realização e as trocas entre as TVs seria mais importante que o produto gerado pela série. Ou seja, a consolidação de uma rede constituída por pesquisadores, técnicos em audiovisual e estudantes vinculados ao campo da comunicação e do audiovisual seria uma oportunidade rica para formação e compartilhamento de saberes. Assim, ações formativas foram realizadas (sempre na modalidade virtual síncrona) desde a primeira edição e têm sido oferecidas dentro da rede criada entre as TVs participantes do projeto. Já foram realizadas atividades sobre estilos de documentário, pitching, emissão de CPB e acessibilidade em produções audiovisuais.

Compreendendo que se tratava de uma produção coletiva, cada TV Universitária contribuiu para o desenvolvimento de um elemento que marca a unidade visual da produção. A equipe da UEG TV criou e produziu a identidade visual, inspirada na fauna brasileira e no tatu, animal que vive na terra e está presente em quase

todos os biomas brasileiros. A UnB TV desenvolveu a vinheta de abertura, e a TV Unifor responsabilizou-se pela produção do [teaser da série](#) e dos vídeos de divulgação de cada um dos episódios. A produção colaborativa significou, desde o início, que as tomadas de decisões seriam coletivas e horizontais.



Identidade visual da série Ekobé/ Foto: Reprodução / Se quer ver um dos filmes, escaneie o QR.

Um tema, muitos formatos

Como resultado da primeira temporada, foram produzidos sete episódios documentais, que falaram sobre os desafios ambientais contemporâneos a partir da ocupação humana e de perspectivas regionais. Foram abordadas questões como o deslocamento de populações tradicionais, a especulação imobiliária em ecossistemas únicos, a agroecologia na periferia, a resiliência de comunidades após desastres e a moradia nas áreas periféricas. Cada TV Universitária detém os direitos de distribuição de seu episódio, sendo garantida a participação individual em festivais, cineclubes ou eventos.

Desde a primeira temporada apostamos na força da diversidade que a série apresenta, foram admitidos diferentes formatos para os episódios: grandes

reportagens, documentários poéticos, documentários expositivos e observativos. Não houve a tentativa de padronizar os episódios em um mesmo formato; pelo contrário, preferiu-se valorizar as diferentes formas de se contar histórias, a perspectiva regional, os sotaques e modos de pensar o audiovisual.

O resultado do esforço coletivo para realização da primeira temporada foi tão satisfatório para as TVs participantes, que decidimos realizar uma segunda edição da série Ekobé. A segunda temporada contou com a participação da UEG TV, da TV Unifor, TV UFG, TV UFMA, UnB TV, TV UFMG e TV UFMS. Definiu-se como tema central as mudanças climáticas. Como na primeira edição, cada TV pôde trabalhar essa temática a partir de seu ponto de vista regional: as transformações

percebidas no Rio Araguaia; o aumento no nível dos oceanos e os impactos no litoral do Ceará; os impactos das mudanças climáticas entre os pássaros que habitam a Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte etc.

A distribuição do conteúdo respeita as particularidades de cada TV. Não sendo possível realizar a transmissão da série nos mesmos dias e horários, define-se uma semana para estreia coletiva e a ordem dos episódios. Havendo, neste grupo de coprodutores, TVs que transmitem seus

sinais via satélite e outras que operam como web TV, a série Ekobé é distribuída nessas diferentes janelas.

A partir do último encontro entre as TVs universitárias, definiu-se que a terceira temporada da série trará como eixo central a discussão sobre os resíduos e o lixo. Espera-se que, a partir deste ano, novas atividades formativas aconteçam, inclusive no tema proposto, permitindo melhor formação das equipes das TVs que participam da coprodução.

Referências

1. BAHIA, Lia. Coprodução: um recurso privilegiado no campo audiovisual contemporâneo. In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://audiovisualbaiano.com.br/midiateca/wp-content/uploads/2021/06/R6-1280-1.pdf>> Acesso em 15 jun. 2025
2. DIAS, Emerson dos Santos. Televisão Educativa em cinco décadas: da criação da TV Universitária de Recife-PE (1968) à extinção da Fundação Piratini-RS (2018). In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville/ São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0578-1.pdf>> Acesso em 15 jun. 2025.
3. OLIVEIRA, Ricardo Borges (org). Mapa 4.0 da TV universitária brasileira. Brasília: ABTU/UnB, 2022. Disponível em: <<https://www.mapatvu.org.br/index.php/resultados>> Acesso em 15 jun. 2025.
4. SALINAS, Rodrigo Kopke. O contrato de coprodução audiovisual: uma operação econômica em rede. [Dissertação de mestrado]. São Paulo: Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: Acesso em 28 de jun. 2023.



Ana Paula Silva Ladeira Costa

é professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Centro de Realização e Investigação Audiovisual e ao Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual - CriaLab|UEG, ambos vinculados à Universidade Estadual de Goiás - UEG.

Contato: ana.costa@ueg.br



Marcelo Henrique da Costa

é doutor em Arte e Cultura Visual, professor do Curso de Cinema e Audiovisual e pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Centro de Realização e Investigação Audiovisual e ao Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual - CriaLab|UEG, ambos vinculados à Universidade Estadual de Goiás - UEG.

Contato: marcelo.costa@ueg.br



Max Eluard

é produtor de cinema e Diretor da TV Unifor, emissora de televisão da Universidade de Fortaleza. Professor do curso de Cinema e Audiovisual da Unifor.

Contato: maxeluard@unifor.br